

2074/100

CINE-JORNAL

ANO I - N.º 40 — 20 DE JULHO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



22/7/936

~ Maria Clara ~

Neste número: Uma grande biografia de **Lonchot Tone**

Grandeza e servidão do jornalista em Hollywood

A vida do jornalista é um recomeçar perpétuo. Mal termina o relato de um acontecimento, tantos vezes obliido à custa de sacrificios e cansaças sem fim, já outro despartido, outro e outro.

As horas sucedem-se rápidas e as convulsões internas e externas acompanham-na em turbilhão, num ritmo acelerado. Quer os pequenos, quer os grandes acontecimentos, das quais a ansiosa curiosidade do público require conhecimento imediato, passam pela pena do jornalista em catadupa interminável.

Da vibração que é emprestado ao acontecimento participa sempre o leitor, desde que tenha nervos. Quão mais intensos, pois, é essa vibração, maior será a repercussão da reportagem sobre quem lê.

A facilidade que possui o jornalista de penetrar no acontecimento, de sentir completamente e de criar o estado de exaltação intelectual necessária à sua rigorosa transmissão para o domínio público, distingue-o do escritor. Este, sem brigar com o tempo, pode se quiser ponderar e reponderar a prosa, emendá-la e corrigi-la quantas vezes lhe apetece: polí-la e enfeitiçá-la.

O jornalista, esse, escreve em definitivo porque lá tem os minutos a estrepitá-lo, incessantemente, e os combóios

que se não podem perder por nada deste mundo...

A luta pela noticia, pela «caixa», é sempre litânica e tanto mais difícil quanto maior é o meio em que o jornalista tem de operar. Se Lisboa, por vezes, constitui um problema para o repórter, o que não será Hollywood, a metrópole do cinema, fonte perece de centenas de acontecimentos, ligados à produção, à realização e aos protagonistas de centenas de filmes?

Basta dizer-lhes que existem ali 1.340 jornalistas, em concorrência frenética e permanente, sempre a farejar inéditismo, noticias de sensação, «hol-news» como éles lhe chamam. Depois, além dos estúdios espalhados na cidade, há pelo menos vinte que estão situados no deselo, nas montanhas e nos vales que rodeiam Hollywood.

Assim, o jornalista tem de ser um elemento essencialmente móvel, sabendo guiar um carro com destreza, pois o trânsito é enorme e o andar a pé é coisa que o repórter deve ignorar.

Logo pela manhã, começa a faina. Vísita, sucessivamente, os estúdios da Paramount, da Metro, da Fox e da R K O. Em zig-zagues continuos, toma as suas notas e, se é feliz, traz qualquer noticia sensacional para transmitir às sete paradas do mundo.

A noite, recomeça. Percorre então os cafés, os clubes e os restaurantes. O pior é a baralhada dos nomes. Por exemplo, em Genebra, na Sociedade das Nações, os diplomatas são quasi sempre os mesmos. Todos os jornalistas os conhecem e os chefes de missão resumem-se quanto muito a uos cingüenta.

Agora, em Hollywood, é diferente. Há 1875 actores, 230 realizadores, 420 actores, 352 adaptadores, 190 redactores de diálogos, 112 editores de filmes e 136 operadores. Juntem-lhe mais 375 «estrélas» de primeira grandeza e 12 ensaiadores de bailarões e vejam o que será (verguar por menores do que estes senhores e senhoras fizeram, fazem ou lencionum vir a fazer... Só acerca do charuto de Lubitsch já se redigiram 85 crónicas; 110, a propósito dos ditos satíricos de Maé West e 47 sobre Kiepurca.

Por esta pádua e modesta estatística já os leitores podem avaliar da vida nada aprazível do jornalista em Hollywood. Mas, aqui entre nós, será só em Hollywood que isto acontece?...

OPERADOR N. 13



Robert Young é um apaixonado jogador de xadrez



Nelson Eddy, o famoso barítono do teleno



Francis Lederer beijo o suo parceiro, numa cena de «One Rain Afternoon»



Victor Mac Laglen, no «Patrulha Perdida»

Opiniões discutíveis...

Por intermédio do sr. Alves da Costa, seu correspondente no nosso país, a Cinématographie Française esboça o seguinte panorama da indústria de exploração em Portugal:

«...O público parece cada vez se interessar menos pelo cinema. Os filmes mediocres alcançam às vezes um êxito retumbante, ao passo que obras notáveis caem na indiferença absoluta.»

Pedimos vênia ao nosso camarada para meter a colherada no assunto.

Não nos parece feliz nem justo o reparo! Nem feliz — porque sempre é passar um atestado de estupidez ao nosso público numa revista estrangeira — nem justo: porque não corresponde à verdade dos factos.

Cada vez, pelo contrário, se verifica mais o interesse do público pelo cinema. Pode ser que no Porto não seja assim, mas em Lisboa, o número de salas emmentou e nem por isso se constatou uma quebra de espectadores, na média geral. Quando os programas não prestam, as salas ficam vazias — mas isso tanto em Portugal como na República de S. Marino...

O facto do público acorrer a filmes

mediocres e abandonar obras que se impõem (tomemos como exemplo da primeira O Revisor dos Wagens-Lits e da segunda Mazurka, de Willy Forst) nada quiere dizer.

É uma excepção que confirma a regra, e depende, muitas vezes, de mil e um factores, a que o público é estranho.

Estamos certos de que o sr. Alves da Costa se não esqueceu da carreira magnífica que os bons filmes, como Quatro Irmãs, As Virgens de W. Street, O Denunciante, etc., tiveram entre nós — a despeito da sua natureza especial — e que não terá a veleidade também de pretender que a massa geral consagre obras que se destinam a «elites» e não a ela.

De contrário, teria que se insurgir contra o facto de A Castro, de António Ferreira, dar uma representação por ano, ao lado do Anima-te Zé, que esteve muitas semanas em cena: teria que arpelar os cabelos por a maioria preferir ler o folhetim do «Diário de Noticias» aos artigos do dr. Ricardo Jorge: e zangar-se-ia, por certo, com 99 por cento dos contribuintes da Emissora Nacional, que preferem os fadinhos chorados aos gorgeios da Galli Curci, ou o «esolido» dos «Politeiros» à «Valsa» de Ravel...

PRODUÇÃO ESPANHOLA

Enveredando por um caminho diferente do nosso, avançando devagar, mas sobre caminho seguro, a Espanha tem hoje uma indústria d filme.

Para 1936, está prevista a realização de 50 filmes.

La Hermana de San Sulpicio, Hambo al Cairo, Es mi hombre, La Verbena de la Palma e Nobleza baturra alcançaram um êxito fenomenal.

Este último bateu todos os «records» de receitas, não só na vizinha República, como ainda no México e na Argentina. Dela circulam 60 cópias.

Morena Clara, filme extraído da pega cuja adaptação Mirita Casimiro actualmente interpreta, alcançou também um êxito notável, na sua transposição cinegráfica. Tem, como vedetas, Florian Reis e Imperio Argentina.

BEETHOVEN, NA TELA

Harry Baur, o grande actor francês, vai encarnar na tela, a figura do genial autor da IX Sinfonia, no filme Um Grande Amor de Beethoven, que Abel Gance vai dirigir.

A grande orquestra do Conservatório de Paris, sob a direcção de Philippe Gaubert, executará a partitura do filme, que se empõe, quasi exclusivamente, de obras de Beethoven, Mozart e Schubert.

MARLENE EM LONDRES

Marlene Dietrich, logo que conclua O Jardim de Allah, que está filmando, ao lado de Charles Boyer, para a United, embarcará para Londres, a fim de tomar parte num filme de Alexandre Korda.

A PRIMEIRA VOLTA DE MANIVELA DE «PORTO ARTUR»

Segundo nos comunicam, Nicolau Farkas deu a primeira volta de manivela de Porto Artur, em Praga, no dia 7 de Julho. Este filme é interpretado por Danièle Darrieux e Adolfo Wolbrück.

«NOITES ÁRABES»

Howard Hughes, o «millionaire film magnate», anuncia a intenção de reeditar Two Arabian Nights, realizado já, no tempo do mudo, com William Boyd e Louis Wolheim. Wallace Beery e James Cagney serão os principais intérpretes.



Madelyn Earl, no último modelo de «mouillots» transparentes...



No dia em que se iniciaram os filmagens de **A Alegre Locandeira**, o novo filme de Joan Crawford, o lindo artista celebrou o acontecimento, oferecendo um chá a todos os colaboradores. Ei-lo, aqui, com **Clorence Brown**, o realizador.

O CINEMA FRANCÊS

Panorama geral da produção

Lucie Dérain, na *Cinématographie Française*, faz o balanço da produção francesa, no segundo trimestre de 1936.

Dum modo geral, e patrioticamente, mostra-se optimista.

Cita alguns dos filmes apresentados: *Le Grand Refrain*, *La Belle Equipe*, *Sept Hommes*, *Les Jumeaux de Brighton*, *Tentation*, etc. Os «vaudevilles»: *Une Tentation*, etc. Os «vaudevilles»: *Una poule sur un mur*, *L'École des journalistes*, *La Brigade eu Jupons*, etc. Fala no «triumfal» *Club de Femmes*.

No capítulo de grandes filmes em realização cita: *Au service du Tzar*, com Richard Pierre Wilton; *Les Grands*, com Gaby Morlay e Charles Vanel; *Les Hommes Nouveaux*, segundo Claude Farrère, com Harry Baur; *Paris e Un grand amour de Beethoven*, com o mesmo artista; *Nitchevo*, ainda com Harry

Baur; um filme de Pabst sobre a célebre espia «Fraulein Doktor»; *Mister Flow*, com Fernand Gravey; um filme de Duvivier, com Maurice Chevalier; a *Sonata à Kreutzer*, de Tolstoi; *Porto Artur*, de Farkas, etc., etc.

É curioso notar que se anunciam 61 filmes. Estão 18 em montagem. Filmam-se 14 e três versões e preparam-se 29.

MADELINE RENAUD FALA DE CHARLES LAUGHTON

Como se sabe, Charles Laughton interpretou, recentemente, na *Comédie-Française*, o segundo acto de *O Médico à Força*, ao lado de Madeleine Renaud, durante uma «gala» a favor dos filhos de Jacques Guilhène, festa que reuniu além do inesquecível criador de *Henrique VIII*, outros artistas preciosos como Maurice Chevalier, Serge Lifar, Argentinilla, etc., etc.

Madeleine Renaud, sócia da «Comédie» e vedeta de cinema escreveu, sobre o notável comediante, um artigo intitulado «Mon Partenaire Charles Laughton». Dêle extraimos os seguintes períodos:

«O que mais nos comoveu foi o facto dum actor como Charles Laughton, que se poderia limitar a dizer meia dúzia de palavras para ler o público na mão, se decidir, com aquela modestia grandiosa, que é seu apanágio, a aprender o difícil texto de Molière e a ensaiá-lo, durante oito dias, com uma emoção e religiosidade extraordinárias.

«É curioso notar que ele não é capaz de ensinar segundo aquelas fórmulas biluais, infelizmente estabelecidas. Pouco a pouco, vai «revelando» — como se se tratasse dum «cliché» — a sua interpretação e, à medida que apresenta, varia a sua criação.

«Tivemos, de resto, a alegria de ver, como esta *Comédie-Française*, tão criticada e voltada ao abandono, tem, talvez, bem como os seus actores, um prestígio formidável.

«Sob o ponto de vista, mais de carácter cénico, é curioso verificar que, num meio onde tantos meios se julgam sumidades, um actor da classe de Laughton vem abalar a lenda das «notas «daclitos» e as empregadas das lentes tornarem vedetas. Se há excepções que são excepções, é tolo pretender encerrar o facto como regra.

«Todos os grandes actores americanos que admiramos, disse-me Laughton, mio são, como láo bem definiu, «actores do acaso». São simplesmente, grandes comediales».



Hans Albers, com Brigitte Hornay, Gusti Huber e Kathe Dorsch, seus parceiros em *Savoy Hotel 217*

A viagem do «Queen Mary»,

51 FILMES, A BORDO

Durante a primeira viagem do *Queen Mary* foram apresentados, ao todo, nos quatro cinemas de bordo, nada menos do que 51 filmes.

O espectáculo era permanente, do meio dia à meia noite. Entre as obras estreitadas figuravam mais recentes, do cinema americano e inglês.

Qual foi o
filme
de que mais
gostou?



E STA em vias de finalizar o grande inquérito que «Cine-Jornal», uma excelente oportunidade, lançou entre as figuras do teatro português.

Entretanto, ouçamos:

Raül de Carvalho

Falar, actualmente, com Raül de Car-

valho é um caso deveras espinhoso.

O estúdio absorve-lhe tódas as horas do dia e parte das da noite. Apenas lhe prodigaliza o escasso tempo de passar pelo sono.

Mas a tenacidade é própria dum jornalista que se preza. Os casos que se nos apresentam mais difíceis, mais emaranhados — como diria a Beatriz — são, aqueles a que nos entregamos com mais entusiasmo, dispostos a arrancar a vitória, custe ela o que custar.

Ao cabo de porfiados esforços, conseguimos, afinal, cagar a inteligente opinião de Raül de Carvalho. Muito em breve, aplaudi-lo-emos no seu *Boisage*, que tudo indicia ser um trabalho de valia, que vai consagrar em definitivo o laureado actor, como um dos mais expressivos valores do cinema português.

Quanto à sua sensibilidade, os filmes *Onde está a felicidade*, *O pão nosso de*

cada dia e *Lanceiros do Índia*, marcaram posições valiosas na presente época.

As actrizes Miriam Hopkins e Marlene Dietrich cultivaram-no em absoluto, graças aos seus rasgos de talento.

Beatriz Belmar

Belmar é uma rapariga gentil, interessante e simpática. Excessivamente loura, dum louro que tem reverberações de ouro, Beatriz Belmar é uma mulher que acompanha a época.

teria, com um sorriso, ao saber que somos de *Cine-Jornal*, a melhor revista cinematográfica que se publica no nosso país — no seu próprio dizer.

— Sim, adoro muito o cinema, não percebo um filme de categoria. E dessa legião enorme que desfilou ante os meus olhos, seduzidos de imagens belas e luminosas, quero o destacar: *Véspera de Combate*, *Ana Karenine* e *Os dois Amores de Diana*.

Os seus actores predilectos são: Ramon Navarro, Clark Gable e Maurice Chevalier.

Até o Ramon já foi votado... Como são fiéis as admiradoras!...

Estêvão Amarante

Oder o depoimento do Senhor Conde, era idea que há já alguns dias nos olheceava.

Vomos, num ápice, à sua luxuosa residência, onde um criado de libré e cara de sofredor, nos fez condigna recepção.

— V. Ex.ª aguarde alguns instantes. Meu amo e senhor só há pouco se ergueu do seu leito.

E o criado, com attitude patética e olhos langorosos, fez meia volta pela esquerda e desapareceu no escuro dum corredor longo e sinistramente tétrico...

Mas Estêvão Amarante não se demora. A sua figura simpática, surge-nos de imprevisto, sorridente e galhofeira.

— Ao conhecer os nossos intentos, logo se presta a esclarecer-nos. Os filmes que mais o impressionaram, foram:

Lanceiros do Índia, *As 4 Irmãs* e *O último escambo*.

— E as suas três actuais predilectas? Amarante olha-nos e sorri. Depois, com voz pensada e serena, inquire:

— Quanto ao «físico», ou artisticamente falando?

— Neste momento esqueçamos as suas «linhas» e falemos de arte.

— Sendo assim, prefiro Greta Garbo, Marlene Dietrich e Diana Wynard.

Ah! Mas se você quisesse saber a minha opinião sobre... enfim... sobre os seus aspectos sedutores, eu não hesitava um momento: a Joan... a Joan Crawford... e com um suspiro na voz, rematou:

— Quem me dera ser o Franchot...

Maria Amélia

Uma porta e um... camarim, é o que hasta para construir a felicidade desta deliciosa rapariga que desde a imitação da Stachino à mais desconchavada das lavadeiras, tudo sabe fazer, com espirito e bom humor.

Por isso, ao entrarmos no Trindade quasi não damos por ela ao depararmos um vulto esquisito e trapalhão, que entrega uma vestimenta feita aos bocados.

O seu camarim, pequenino mas lindo e arranjado com gosto, onde se vêem flores, muitas flores, é um mimo.

— Maria Amélia: a sua opinião para *Cine-Jornal* sobre os três filmes desta época que mais lhe agradaram.

— Embora não seja cinefíla, vou-me pronunciar: *Ana Karenine*, *Noivos de Mary* e *O sonho dum hora*.

— E os seus actores mais queridos?

— Clark Gable, Frederick March e Lewis Stone.

ANTÓNIO FEO

Legendas

J EAN Hurlow passa por ser a estralada mais scribicionista de Hollywood.

Outro dia deu-lhe na cabeça apresentar-se num cinema de Los Angeles — onde corria um filme seu — com um vestido todo em lentejolas douradas. É escusado dizer que o esplendoroso platinado dos seus cabelos tomava, pelo contraste, motivos de impressionante interéssec ressalte.

Foi um êxito sem precedentes.

Parece, no entanto, que algumas estretes, colegas de Jean, não levaram a tem que a sua excentricidade chegasse a tal ponto; como se as lentejolas em escamas lhe lixessem ferido a sensibilidade.

É caso para dizer que ficaram «esramakés».

A residência de Annabella fica arredada um pouco do centro da cidade, junto a uma estrada oitocatrocta, ladeada de postes telefónicos. A insimmente vedada notou que um guardafios — rapaz novo e bastante simpático — possuava horas esquecidas, no cimo do poste mais em frente da sua casa, fingindo arranjar sempre o mesmo fio e olhando-a com desmedida insistência e interésse.

Annabella acostunada ao galantio e às mil torturas da celebridade, achou tão inócuo a sinceridade daquele rapaz e convidou-o para um chá intimo no seu jardim.

O guardafios delirou.

Hoje, graças à protecção da sua excelente amiga, é candidato a galá de cinema e trabalha activamente nos «estúdios».

Ora aqui está um homem que leva a felicidade... por um fio.

MARLENE Dietrich afirmam que diz ter mais idade do que aquela que realmente tem.

Caso único nos annis da Cinelândia. O que pretenderá a Marlene com tal proceder?

Que a moda pegue?

Descanse a extraordinária artista. Poderão os seus vestidos e as suas attitudes fazer época, poderão os seus conselhos de beleza estética ser seguidos, mas dizer-se, por moda, que se tem mais idade, não pega — posso jurar-lhe.

EM Hollywood, acontece, dia a dia, a gente mais heterogénea e variada que se possa supor.

Os mais relacionatos procuram os artistas em evidência, nos locais que frequentam, e é um minea acabar de pedidos, empenhocas e busfítas.

Conta-se que Clark Gable foi abordado por «um dêsse».

«Vim a Hollywood fazer cinema. Tenho bons conhecimentos, sei dançar, cantar e fazer «box». Serei em breves meses seu colega — disse o tal».

Clark Gable, com o seu melhor sorriso, volvou:

«Meu colega?... Quem lhe disse que ando a aprender a dançar, a cantar e a jogar o «box»?».

SILVA BASTOS



A última fotografia de
Clark Gable, feita das mu-
lheres de todo o mundo,
o gala favorito da tela!

(Foto do filme
«A Secretária
do meu Ma-
rido»)

Como bem começar o nosso dia!

porém, que é só na América — pode-se afirmar o mesmo de todos os países que se prezam de ser civilizados.

Talvez tu sejas ainda daquelas que dizem: «Não tenho tempo para isso».

Deves saber, contudo, que é difícil arranjar vidas mais ocupadas do que a dos artistas de Hollywood. O que, talvez, ainda não saibas é que, na ginástica, vão eles encontrar a alegria e a saúde para suportar o trabalho, vão descansar o cérebro, apurar a elegância, adestrar os músculos, tudo o que, perante o público, os faz triunfar.

* * *

Eles sentem bem, sabem pela experiência, quanto a ginástica, com a qual sempre começam o dia, os ajuda na vida.

Sabem o que vale começar bem...

Experimenta. Talvez custe um pouco, ao princípio. Mas lembra-te que não se colhe sem semear. E verás que a colheita é das mais fartas e proveitosas.

* * *

Eu vou-te ensinar alguns exercícios — valem, podes acreditar, por muitas receitas de beleza, evitam, se os fizeres todas as manhãs, muitas dores de cabeça, muita má-disposição.

Repara na *fig. 1*. Estás de pé, pernas afastadas, braços erguidos acima da cabeça. Lentamente, durante uma expiração, sem curvar as pernas, inclinas o tronco à frente e aproximas as mãos dos pés. Depois, voltas à posição inicial, inspirando.

Para começar, fazes uma, duas vezes, aumentando, pouco a pouco, sem nunca passar de cinco ou seis.

Agora senta-te e afasta as pernas, bem estendidas. Vamos fazer o exercício da *fig. 2*. Tronco e braços bem erguidos, como anteriormente. E, agora, sem curvar os joelhos, as mãos agarram, alternadamente, um e outro pé. Seis vezes ou seis tentativas? Chega.

Que tal?

Vamos à *fig. 3*. Bem feito, é um colossal exercício e mal feito, não presta para nada. Portanto, atenção. Ajoelha-se sobre uma perna, enquanto a outra, à frente do corpo, curvada, mantém o equilíbrio. Os braços e o tronco partem da mesma posição dos exercícios anteriores e inclinam-se à frente, aos lados e à retaguarda descrevem, acima da cabeça, um círculo do maior diâmetro possível. Duas, três voltas e, em seguida, mudar de perna.

Para acabar, como mostra a *fig. 4*, uns saltos à corda. Quem não está habituado, surpreende-se ao verificar que aquele exercício banal, que as crianças fazem pelos jardins, não é tão fácil quanto parece. No entanto, depois de algumas tentativas, o corpo eleva-se, encontra-se o ritmo, e a tarefa simplifica-se.

* * *

Bem vistas as coisas, chega um quarto de hora para fazer todos os exercícios. Quinze minutos para começar bem o dia, para ganhar elegância sem cintas, para corar sem «rouges», para não ter dores de cabeça sem tomar «aspirinas»!

Quinze minutos, enfim, para gozar completamente as lufadas de vida, impregnadas de luz e optimismo, de salutareas aromas inconfundíveis que, pelas janelas, abertas às escâncaras, entram nestas pujantes manhãs de verão!

FERNANDO GARCIA

MANHÃ de verão. Pelas janelas, abertas às escâncaras, entram lufadas de vida, impregnadas de luz e optimismo, de salutareas aromas, inconfundíveis.

Estão as férias à porta; a alegria e a pujança das manhãs vai surpreender uns, mais infelizes, na cidade, outros no campo e outros, ainda, na praia. Em qualquer parte, no entanto, o ar que entra, pela janela dentro, é diferente: tem mais cor, transporta, na cidade, uns rumores novos que surpreendem agradavelmente, uns estálidos de ar que não estávamos habituados naqueles dias em que tudo era baço e molhado, nevoento e triste. No campo, visita-nos o perfume acre do humus fecundo, envolto em cortinas de orvalho e nos aromas resinosos dos pinheirais, em segredos pelos outeiros, num marulhar feliz que embala as rôlas bravas. Prende-nos, na praia, o ar salinado das águas e a canção eterna das ondas que se empurram, gemendo ecos sem fim, numa alegria calma que faz esquecer a brusquidão das tempestades furiosas.

E não há dúvida que, na madrugada de verão, o ar alegre que chega até nós, banhado, talvez, nas tintas rubras do sol nascente, é um ar poderoso, um ar de vida, um ar de satisfação inilina, de amor-próprio, enfim: — um ar de optimismo.

* * *

Claro que, por imposição dêste facidioso fatalismo que nos persegue, nós não conseguimos, geralmente, obedecer às ordens optimisticas e felizes da manhã.

Temos o vício de não saber começar o dia ou, então, julgamos que, para obedecer a esta regra, basta saltar da cama com o pé direito.

Ignoramos o que representa um dia bem começado e, quando a manhã entra pela casa dentro, a mão tateante ajeita melhor a roupa, o corpo adapta-se melhor à cova da cama, vira-se para o outro lado, fecha os olhos, adormece. Resolve-se, depois, começar bem o dia... ao principio da tarde.

* * *

Leitor e, muito especialmente, leitoras — porque as mulheres são mais preguiçosas — não te esqueças nunca do que te vou dizer: — Começa bem o dia! Deves calcular o que isso representa na marcha da vida...

Não te preocupes com o pé que pões no chão, canta qualquer coisa bastante alegre, abre-me bem as janelas e, no quarto, na «marquize», no quintal, onde achares mais conveniente, prepara-te para esta rudimentarissima coisa que quasi toda a gente esquece: fazer a ginástica matinal.

Estou a ver-te, leitora: «Ú! que tremendissima maçada.»

Mas já pensaste bem?

* * *

A América, especialmente por intermédio do cinema, farta-se de nos dar exemplos: bons e maus.

Olha bem para as «fotos» desta página, repara na perfeição das linhas, na gracilidade dos corpos, na alegria e no dinamismo de todas elas — chegas a esta conclusão, que as «estrelas» te ensinam: — na América (as «fotos» vêm de lá) faz-se ginástica. Não julgues,

FRANCHOT TONE



FEZ, no dia 2 de Junho, seis anos que, numa igreja católica de New-York se celebrou o casamento de Joan Crawford com Douglas Fairbanks Júnior. Nesse tempo, nem Joan nem Douglas eram «estrelas».

Joan havia deixado há pouco o «cabaret» onde trabalhara como bailarina, e Douglas pouco mais era do que o feliz enteado de Mary Pickford.

As revistas cinematográficas contaram as suas vidas, os seus gostos e tudo o que poderia interessar o mundo cinéfilo.

A lua de mel leve foros de sensação. Porém, em fins de 1932, deu-se o cruel desengano. Os «felizes» noivos, por incompatibilidade de génios, pediam o divórcio. Assim, viveram ainda alguns meses, até que o tribunal anulou o casamento. Joan e Douglas eram, então, artistas consagrados.

A divorciada Joan foram-lhe depois atribuídos vários pretendentes. Entre eles, figuravam Ricardo Cortez e Franchot Tone. Dois homens de caracteres e feitos absolutamente diferentes. Cortez, é calado, sensato, moralizador. Tone, pelo contrário, é folião, animado, conversador, simpático.

Joan Crawford escolheu Franchot Tone. Casados ou não, o seu romance amoroso é conhecido de todos.

* * *

Franchot Tone nasceu em Niagara, a 21 de Fevereiro dum ano que agora não vem para o caso.

Em pequeno, era tranqüilo, calmo, muito tristonho. Os pais chegaram a ter inquietações. Veio a entrada na escola e a sua maneira de ser parecia manter-se. Os professores achavam-no sonso, sempre no seu lugar, de braços cruzados, muito atento às lições. Até que um dia descobriram ser Franchot o cabeçilha de todas as insubordinações praticadas nas aulas. Sonso — e mestre incontestável dos seus camaradas.

Franchot tinha um irmão chamado Jerry, que seguia as pegadas de seu pai, um honrado industrial e um bom chefe de família. Franchot, êsse, era avesso à rotina familiar. Um belo dia, participa que havia resolvido dedicar-se ao teatro. Não o tomaram a sério, pelo menos enquanto êle não se tornou conhecido,

no meio dos rapazes que em Broadway procuravam a celebridade.

Franchot depressa passou a ser um desportista popular. Capitão de várias equipas, era sempre encarregado de organizar as festas desportivas e dramáticas do Colégio. Daqui lhe nasceu o gosto pelo tablado, gosto que o levou a formar companhias de actores amadores, dando os seus espectáculos ao ar livre, no verão, e no celeiro da sua casa, no inverno. Era uma brincadeira, que não prejudicava ninguém.

Franchot, sendo um apaixonado bibliófilo, estudava o assunto de alguns romances e novelas policíais, e à sua volta «cozinha» as peças de teatro do seu repertório. Era um rapaz bem diferente dos jovens americanos dos nossos dias.

Enquanto seu irmão Perry, o primogénito, escolheu a Universidade de Cornell, Franchot preferiu a de Harvard.

Durante o ano de preparação, para a entrada em Harvard, não podendo estar

sosegado e dedicar-se apenas aos estudos, organizou sociedades secretas, onde a admissão, era das mais difíceis.

Nas suas sociedades só poderiam ingressar os mais audaciosos e imaginativos dos seus colegas. Franchot dava à imaginação e à fantasia, o seu prestígio.

Um dia a fatalidade recaiu sobre êle. Tudo foi descoberto. Justamente por ocasião das férias do Natal. Todas as aventuras e todas as «blagues» foram censuradas. Consideraram-no um elemento de desordem.

Já na casa paterna, a passar as férias, foi resolvido em conselho de família, que êle, em Janeiro, partiria com seu irmão para Cornell, visto ter de renunciar a Harvard.

Pela primeira vez os dois irmãos saíram juntos. Franchot teve um professor particular que o preparou para o exame de admissão a Cornell, onde êle se tornou um aluno exemplar. Alcançou esplêndidas médias finais. Apesar de ser quasi o «curso» da turma, não faltava a bailes ou a reuniões. Teve as suas paixões, os seus idílios, não esquecendo nunca a declamação.

Quasi no fim do seu tempo em Cornell, Franchot resolveu dedicar-se, novamente, ao teatro e fazer uma excursão à Europa. Em França, passa o trimestre de verão na Universidade de Rennes e, bem entendido, ia a Paris, pelo menos, todos os sábados. Não esquecia o seu novo programa: trabalhar e divertir-se, com método.

Termina o curso de professor em Cornell, e, no mesmo ano, é nomeado presidente do Clube Dramático.

O entusiasmo pela arte de Talma não havia ainda desaparecido. Enquanto seu

(Conclui na pág 15)



GALÃ
DA TELA
E
MARIDO
DE

JOAN
CRAWFORD



Revolta

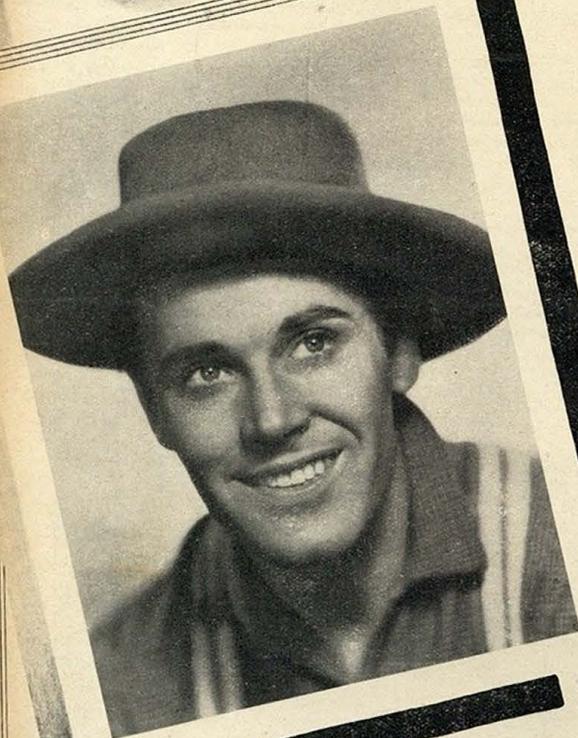
Charles Laughton Clark Gable Franchot Tone

Bordo

Um filme da categoria de Ben Hur
e a melhor producao
ano maximo da
Metro Goldwyn Mayer



HENRY FONDA



para poderem concluir os seus cursos.

Voltando a férias à sua Nebraska natal conheceu uma noite M. Foley. M. Foley era um mecenas, um mecenas ligeiramente arruinado, que fundou *Omaha Community Playhouse* mas como não tivesse com que pagar aos actores foi preciso que se reunissem à sua volta troupes desencontradas e benevolentes para poder fazer representar o seu repertório de provincia. Este rapaz em férias é um primeiro artista encontrado.

— Você é um grande actor que propriamente se ignora a si, diz M. Foley. Está dentro da sua personalidade «em cabeça de cartaz» que é necessário fazer viver.

E Fonda estreou-se com efeito num primeiro papel, no papel dum estudante que foi elevado a grande preponderância no colégio, onde se educava por mandado de seu pai, um honrado agricultor, mas que vem a deixar a Universidade porque encontrou uma troupe de cômicos que o seduziu e não pôde mais passar sem essa vida. Fonda valorizou imenso o papel e não pôde também passar mais sem o teatro. Porém, para ocupar as suas férias de actor, visto que a troupe de M. Foley pouco durou, consagrou-se à decoração de cenários. Foi isto que o chamou a Nova York. Lá foi escolhido para ser parceiro dum a vedeta da cena, June Walker. Foi nesta peça que Winfield Sheehan, grande magnate da Fox Film o viu uma noite representar no Broadway. Winfield comprou os direitos da peça para Janet Gaynor, ao mesmo tempo que contratou Fonda. Foi assim que foi para Hollywood.

Passou os primeiros tempos em casa do seu amigo Ross Alexander numa quinta rústica cheia de jardins de roseiras e de pomares deliciosos. Depois do seu primeiro filme como parceiro de Janet Gaynor começou logo a seguir — *A travers l'Orage*. — Num outro surge com Lily Pons e por fim *La fille du bois perdu* o grande filme colorido com Sylvia Sidney e Fred Mc Murray. Quatro filmes num ano só. Isto representa dias e dias dum trabalho duro. E Fonda sem que se apercebesse de tal foi guindado à categoria de vedeta. Agora

quando alguém fala do seu nome já ninguém o trata por parceiro desta ou daquela vedeta ou ex-marido de Margaret Sullavan. Isso parece que foi já há muito tempo.

Ele de facto tinha conhecido uma troupe de artistas ama lores, «University players». Muitas das raparigas que traziam no grupo eram mais que bonitas. Porém, a grande vedeta de cena era Margaret Sullavan, uma rapariga estranha, caprichosa mas terivelmente inteligente e cheia de talento.

Henri Fonda apaixonou-se por ela e desposou-a. Passado pouco tempo, sem nenhuma explicação, quando elle andava em «tournées», ela pediu e obteve o divórcio o que lhe foi fácil devido à legislação americana nesse ponto de vista. Fonda sofreu imenso. Resolveu, porém, esquecer o amor e não pensar mais senão no seu triunfo de actor.

Com essa persistência, passados alguns anos, conseguiu igualar o successo que a sua ex-espósa disfrutava no mundo da arte.

Porém, depois dessa separação o destino colocou-os frente a frente. Quando propuseram o papel a Fonda ele não hesitou sequer. A aventura amorosa estava já esquecida e um reencontro com Sullavan encantava-o. Via até nisso oportunidade para um novo papel, diferente dos que até aí tinha desempenhado no cinema. O filme foi realizado nas melhores condições. Hollywood, que complica às vezes as coisas mais simples, simplifica também as situações mais complicadas.

Henri Fonda filmou assim o seu quinto filme. Nós lá o encontramos ainda com a sua silhueta alta e delgada, o seu rosto infantil, com um sorriso amargurado e, um ar melancólico e doce. Porém, ele foi privado das melhores alegrias do mundo. A sua mãe morreu antes de ele se resolver a entrar definitivamente para o teatro e, por sua vez, o pai, pouco antes da sua consagração na tela. Encontra-se muito só para se regosijar pelo seu triunfo de «vedeta». Para ele o amor veio cedo e a consagração um pouco tarde. Isto faz dele um amargurado da existência.

R. S. K.



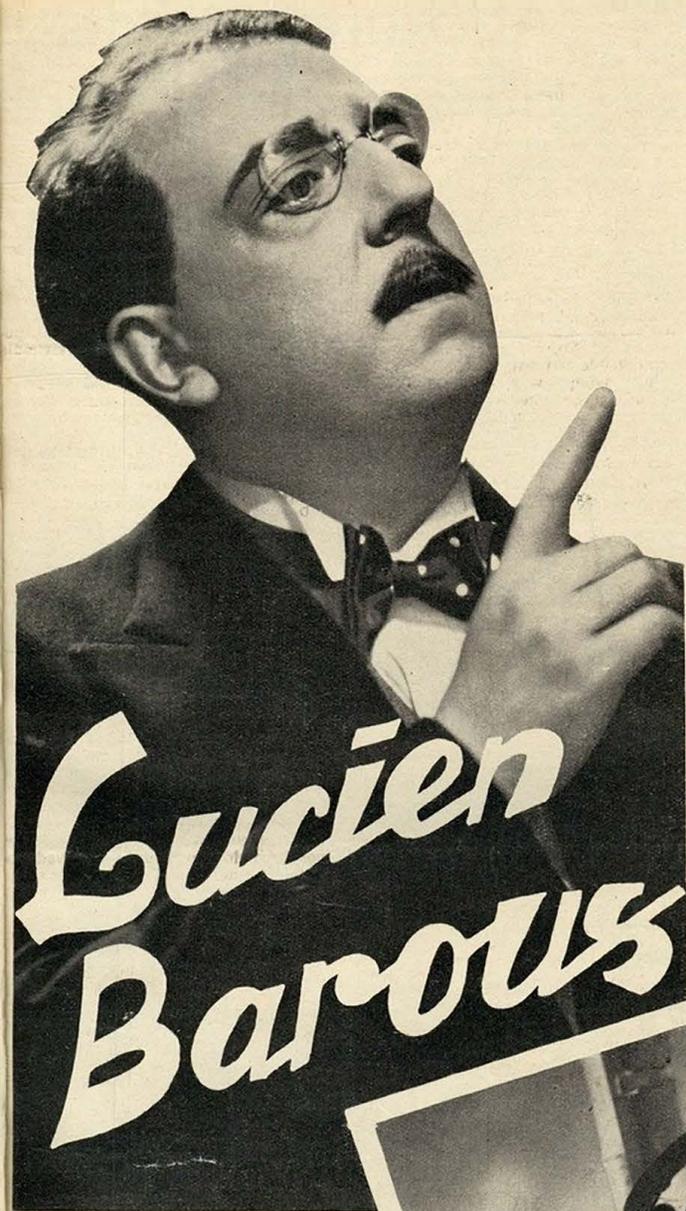
NASCEU lá longe, no gigantesco planalto de Nebraska, em pleno Middle West, como dizem os americanos — entre vastas áreas, campos de beterraba e extensos ados por onde sopra um vento forte e por vezes não deixa as manadas de do pastar sossegadamente e que re-nda imenso o vento cortante das ex-nsas plumícias do Norte.

Noutros tempos por essas campinas sertas passavam repentinamente caravanas formando grandes caravanas, re- vinham homens de barbas cres- das e de espingarda, mulheres com dinas de viajante e trajos simples, lanças, aves, animais, tudo enfim que pode encerrar nesta palavra Ne-aska, que traduz tóda a poesia heroica dos conquistadores, que nós somos obri- dos a aprender nos primeiros anos de inglês. Henri Fonda é filho dum desses conquistadores. Seu avô chama- se Ten Eyck Fond e sua avó Harnett e Neil Fonda e eles fundaram uma ci-

dade americana que ainda usa o nome de Fonda.

Henri herdou não só o nome mas também a energia combativa e obsti- nada destes pioneiros. Isso, porém, aliou-se nêle a um temperamento muito delicado e muito fino dum graciosida- de quasi feminina. Esta mistura de ap- arências contraditórias torna difficil a sua definição fisionómica. Olhai as suas fotos. Cabelos escuros e olhos claros. Traços finos, mas a testa dura. A boca terna mas o queixo voluntarioso. Um eterno ar de adolescente, mas uma som- bra melancólica a atravessar-lhe eter- namente o sorriso. Parece ser até irmã da Maureen O'Sullivan, pois têm ambos o mesmo olhar azul e o mesmo rosto jó- vem.

Tendo de começar a sua vida fê-lo como quasi todos os rapazes america- nos: foi aluno aplicado nas aulas, ao mesmo tempo que foi empregado dos te- lefones. Nos Estados Unidos os estudan- tes usam muitas vezes estes processos



aquela compatível com a boa disciplina e rendimento do trabalho.

Tinha dois ou três rapoços amigos, que eram furiosos pelo teatro. Passavam o vida em clubes de amadores dramáticos, o representar peças sobre peços. Poró lá me levaram e meteram-me o vício no corpo. Meus pois, quando souberam dos minhas tendências para o Arte de Tolma, não me contrariaram. Pelo contrário: limitaram-se o dizer um «vai, meu filho», e entreguime de olmo e coração à novo profissão.

Uma boa biografia de vedeta de cinema, deve conter, além de dois ou três divórcios, o emotivo descrição do luto entre o astro «in-herbis», confiante e persistente, e os seus pois, descrentes e obstinados. Amores e vacações contrariados são pratos de resistência neste género de literatura...

Felizmente, não tenho que referir nem uns, nem outros. Meus pois, acorinharam o minha carreira. Quanto ao casamento, vou o cominho dos bôdos de prato, e estimo tanto minha mulher — e vice-verso — como no dia em que o despossei.

Adoro crianças, mas não os tenho. Ainda que o desforro seja bizerra, vingo-me possuindo um dos melhores canis, que há em França. É claro, nem todos os cães de Constantinopla, preenchem dentro duma caso o lugar dum «bambino», loiro e desenxovalhado. Perdãe-me a comparação e os divagações...

Moro no ruo dos Dardanelos, 11, «bis», em Paris. Uma cosa às ordens de todos vós. leitores! E gostaria que o visitassem, pois o minha cosa, melhor do que eu, definiria o meu carácter, os minhas tendências e os minhas paixões.

Tenho o preocupação do ordem. Uma

cosa desorganizado, apovora-me. Um lance pelo cosinho cinzento do rua dos Dardanelos ossegurar-vos-ádo facto.

O piano que está na sala verde — falará do minha paixão pelo música. Se não fosse octor — serio maestro. Veriam nos paredes bons quadros e centenas de retratos de celebridades dedicados à minha modesto pessoa. Tenho, no realidade, a paixão dos bons quadros e dos autógrafos.

Fui octor de teatro, durante muitos anos. Só me lembro de ter interpretado um filme mudo, «O sr. Director», desempenhando o papel que o meu colega Armond Bernard, viveu, mais tarde, quando o mesma obra foi reeditado, no sonoro.

Depois, com o advento do som, passei o actuar mais tempo ante o câmara do que no palco. E interpretei ymo boa porção de filmes, entre os quais, nos versões francesas, os três últimos de Jean Kiepure.

Há dias, ocabei «Le Mioche», onde contracenei com um garotito encontador. A-pesar-dos «desconsiderações» que me fêz, e que me obrigaram, por vezes, o mudar de roupa, nunca mais esquecerei os dias, em que, ante o câmara, me senti pai dum bébé adorável.

Pus nêsse filme, todo o meu coração e tódo o minha ternura, e só nessa ocasião lamentei não ser uma realidade o mundo enganoso do cinema, em que nos move-mos.

LUCIEN BAROUX

(Exclusivo para «Cine-Jornal». Todos os direitos reservados).



NASCI em Toulouse, o 21 de Setembro, de certo ano que não vem poro o coso. Muito embora não seja galã ou «primo-donno», sou de opinião de que não interessa a ninguém saber o minha idade. Cada um tem o idade que parece ter, e, no tela, sobretudo, tenho o idade que os autores dos filmes pretendem atribuir às personagens que desempenho.

Minho mãi era parisiense. Morava em pleno Boulevard, quando meu pai, nado e criado em Toulouse, entendeu dever requéstá-lo. Casaram e foram muito felizes — com o matrimónio e com o filho.

Porque, não sei so sobem, fui tido sempre no conto dum rapaxinha assidado, e, talvez por ser gordo, sempre me conheci alegre e bem disposto, paciente e bonocheirão.

Quando minha mãi me deu à luz, o coso foi difícil. No entanto, não chorei à nascença — e o facto foi considerado de bom pronúncia poro o meu carácter futuro.

Meu poi vendia bordados e rendas coras. Quando comeci o estar espigodote, correu comigo do «atelier», onde os lindos bordadeiras me dovom mais otenção do que

As grandes vedetas do cinema alemão



do teatro clássico — o do Margarido do «Fausto». O trabalho dela parece que agradou, visto que só o deixaram sair de Morienbad, ao fim de quatro meses, durante os quais, fez, além do Margarido do «Fausto», vários outros papéis, em peças dramáticas e cômicas. De Morienbad seguiu para Mährich-Ostrou onde esteve um ano a trabalhar em peças sérias e alegres, entre elas a «Sino sumido», de Gerhart Hauptmann. Depois, como muitos outros vienenses, Honsi desejou trabalhar também no Alemanha. Foi pois o Berlim, onde lhe deram um contrato para o «Altes Theater» de Leipzig, onde fez com brilhantismo o papel de Turandot numa peça de Gozzi. Gerhart

Hauptmann, que o tinha visto representar em Mährisch-Ostrou, confiou-lhe o papel do cigano no seu peça mais recente «Hamlet em Wittenberg», em que ela obteve um novo triunfo.

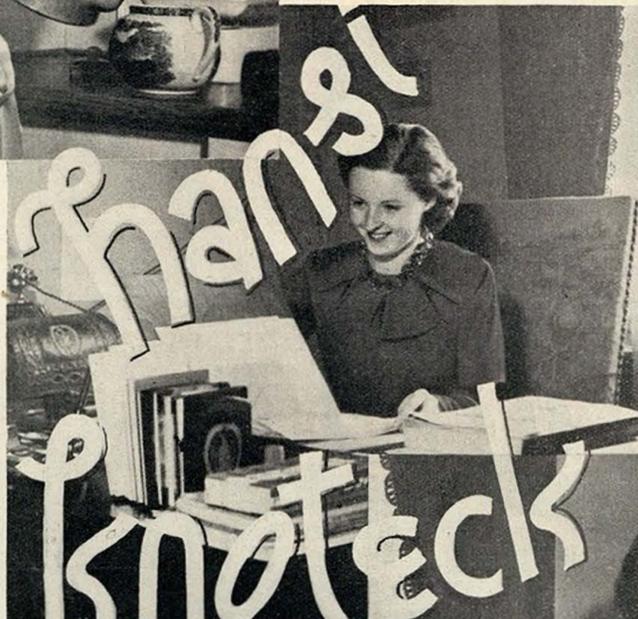
Entretanto fez o possível por entrar também para o cinema sonoro, mas o Ufa, o quem ela se dirigiu, contentou-se apenas em manivelar uns metros de celuloide para ter no arquivo o nome dela. Mais tarde, porém, ao escolher-se o elenco para o novo filme «Schloss Hubertus», consultaram-se os arquivos, e o fito de celuloide com o rasto e a voz de Honsi Knoteck, grangeou-lhe então o primeiro papel num filme sonoro. Depois dessa produção fez ainda vários papéis no «Segredo dos Waranzeff», no «Barão Cigano», no «Santo e o seu bôbo», no «Pequeno de Moorhorf» e em «Waldwinter». Mais recentemente, fez o protagonista de «Incógnito», concluído há pouco, sob a direcção de cena de Richard Schneider-Edenkoben.

Honsi Knoteck alegro-se por representar no seu novo filme um papel menos sério. Ele não quer fixar-se num único género, achando preferível fazer de tudo, tanto em filmes sérios como em filmes alegres, tal qual como no teatro.

Depois do filme «Incógnito», confiou-lhe um novo papel na produção «Ritt in die Freiheit» (Cavalgado da Liberdade), filme que se baseia num episódio histórico e que tem Willy Birgel por protagonista.

Berlim, Julho de 1936.

M. B. DOS SANTOS E SILVA



convento estava resolvido que ela iria para o Academia dramático do Estado, mas como os directores não o aceitaram por ser muito jovem, a mãe matriculou-a numa escola de coreografia, onde passou um ano a aprender as inevitáveis «possas» de dança, que todo o bailarino deve conhecer, e que de resto constitui uma excelente educação físico para futuros actrizes. Findo o ano de bailados, dedicou-se ao estudo para entrar para o Academia, onde passou três anos a observar tudo a matéria do arte dramático.

Findo o curso do Academia, começou para ela a tortura de encontrar colocação num teatro. Depois de uma série de modestíssimos papéis que nem por isso deixaram de causar-lhe o maior satisfação, foi contratado um dia, para o teatro dos termos de Morienbad. Foi o seu primeiro «papel grande», e que papel! Logo um dos melhores



A descrição que uma vedeta faz do seu carreira artístico principio, em geral, assim: «Ainda eu era criança e já sentia uma paixão indizível por tudo o que fosse teatro. Nos livros da estante de meu pai, saciava o sêde de conhecimentos dramáticos. De noite, quando ninguém me via, passava os horas a aprender supostos papéis de teatro. Mais tarde, sem que meus pais soubessem, comecei a frequentar uma escola dramática, e um belo dia disse-lhes a queima-roupa que queria ser actriz. Meus pais fortoram-se de ralharem comigo, mas acabaram por ceder, e quando me vieram pela primeira vez no palco concordaram que eu tinha queda para «aquilo».

É assim, pouco mais ou menos, que eles contam. Uma das poucas excepções é Honsi Knoteck, que começa o sua história do seguinte maneira:

— Eu sou uma excepção à regra geral. Não tive ralhos em casa, não precisei de fugir da família para entrar para o teatro, e nem sequer foi necessário que eu descobrisse os meus possíveis talentos para o carreira de actriz. Pelo contrário, foi o minha mãe que me despertou o gosto pelo arte dramático e que se encarregou do minha educação artística. Minha mãe era actriz de um teatro de Viena, onde só deixou de representar quando casou. E como ela também se chamava Honsi Knoteck, quando eu entrei para o teatro chegaram o dar-me o nome de Honsi II, o segundo do dinastia dos Knotecks.

A carreira do jovem artista começou com papel masculino que ela representou no teatrinho do convento onde era aluno interno. Foi tal o sucesso que obteve que a superiora nomeou-a solenemente para «Actriz permanente» do teatrinho, onde de facto, adquiriu muitos conhecimentos dramáticos. Quando acabou o educação no

Conta a sua história aos nossos leitores



— Tem uma linda galeria de retratos seus.

— São ofertas dos meus colegas de Belas Artes. Faço escultura.

— E vai abandoná-la, para se dedicar ao Cinema?

— Não. A minha entrada para o cinema é apenas uma experiência. Já prestei provas e dizem-me que satisfazem. Partirei para Pôrto Santo, nos primeiros dias de Agosto, a iniciar o meu trabalho.

— E gosta do papel que lhe distribuiram?

— Decerto. Serei uma rapariga do campo. Sempre gostei da vida ao ar livre e invejo a gente que vive assim.

— Adivinho em si um temperamento romântico, próprio desse ambiente...

— Talvez. No entanto, o papel que me destinam nada tem com o romantismo e por isso mesmo gosto muito dele.

Elza desconseria-me com esta revelação, que eu procuro confirmar. Com efeito, já tinha reparado numas «raquettes» de «lénis», colocadas a um canto e numa fotografia em que exhibe um falo de amazona. Os exercícios físicos predispoem a alma para um viver mais alegre e não admira que Elza prefira, ao romantismo quieto e «démno-dé», o dinamismo e a vivacidade da vida moderna. A mulher do século XX tem ocupações mais inteligentes, além das intoxicantes meditações românticas, que preencheram a vida de nossas avós.

* * *

Decorreram duas longas horas, que me pareceram falsificadas, de tão rápidas que foram.

Elza vai dizendo:

— Se quere que lhe explique, nem sei como se lembraram de mim. O título «A Canção da Terra» já me tinha chegado aos ouvidos e seduzia-me. Sabia também que procuravam alguém para a principal figura feminina, quando Brun do Canto me encontrou. Não sei descrever-lhe o meu contentamento. Tudo me parece sonho e não imagina como tudo tem saído bem.

Elza mostra-me algumas dezenas de fotografias (excelentes provas de fotogenia), enquanto me fala do filme, onde se evotam as sécas desoladoras de Pôrto Santo e a vida trágica dos habitantes da ilha, nos meses sem conta em que não chove. Uma novela de amor abraanda a dureza do ambiente que se desamuvia e alegre ao cairem as primeiras gólas de água. A chuva traz a fertilidade à terra e esta então a sua canção que se confunde com o hino de amor cantado pelos dois amantes.

* * *

Despeço-me de Elza com muita pena de a deixar e volto apressado para casa, sem ligar importância ao calor e com a imagem de Elza estampada nos olhos. Vejo-a por toda a parte. Da minha janela espireito um garolo, muito entredido a fazer bolinhas de sabão. Numa delas descobri os olhos de Elza. A bola sobe no ar e resiste à brisa leve que a açoitava. Depois deixo de vê-la. Não sei se rebentou ou se vai perdida pelo espaço.

Se Elza tiver vontade, decerto atingirá o firmamento — onde brilham as estrélas.

RAÚL, FONSECA

Meu caro leitor:

Já sei que o título desta página te surpreendeu e que disseste lá para contigo: «estes senhores do cinema são desconcertantes; fazem e desfazem estrélas como quem brinca com bolas de sabão. Sopram no meu ouvido, sem quaisquer preocupações, e a bola de sabão eleva-se no ar. Assim fazem uma vedeta. Por vezes, a bola rebenta à nascença, mas não faz mal; poderia ser mais resistente e ter subido no espaço, reluzente e brilhante como estréla verdadeira».

Pois se o título te causou surpresa, outro tanto se passou comigo quando, pelo telefone, me incumbiram de entrevistar Elza Rumina.

— Onde? — Perguntei:

— Rua tal, número tal, andar tal...

E com tantos «tais» escritos num papel, sai de casa mal humorado, porque o calor destes dias não é das coisas mais convidativas para quem tem que andar na rua.

* * *

Uma criada introduz-me numa pequena sala onde os meus olhos de artista (perdoem a imodéstia) encontram uns olhos tristes, repetidos por toda a parte, nos quadros das paredes e nos barro cinzentos erguidos nas colunas. Leio legendas: «a Elza Rumina, com admiração, oferece...». Estão ali muitas assinaturas de pintores e escultores. Elza cativou-os a todos e vou sentindo o temor de ficar preso dos seus olhos. Estou impaciente.

* * *

Elza acaba de entrar, muito simples e muito simpática, e eu apresento-me como jornalista.

Para te falar verdade — leitor — não sei quem está ali, se o jornalista, se o homem ou o artista. Sei apenas que sou eu. Procuro o jornalista para lhe lembrar a missão a cumprir e encontro-o extasiado diante dessa mulher encantadora, boquiaberto como um pintor, de frente dum modelo invulgar. Dou-lhe um beliscão para o acordar, mas ele nem sabe o que diz.



Dan Syre Grossbeck é o ditador da beleza, nos estúdios do Metro. Entre 100 artistas teve, há dias, que escolher as seis mais belas. São elas: Wanda Perry, June Wilkins, Bonnie Bannon, Pauline Craig, Monica Bannister e Diana Cook

CARTA DO PORTO

COM o fim da época no cinema São João e o próximo encerramento do Trindade, vamos entrar abertamente no regime das réprises, a que vão passar os cinemas que se conservarão abertos ao público durante o resto da temporada.

Não pode deixar de ser louvável, sob variadíssimos aspectos, a iniciativa destes espectáculos que vem facilitar, a muita gente, a apreciação de numerosos filmes que não puderam ser vistos por variadas razões. Há semanas em que, em todos os cinemas, são apresentados magníficos filmes. Ora, muitas pessoas há que, pelos seus afazeres, não podem perder três ou quatro noites por semana e outras ainda cujos orçamentos não comportam a despesa que origina a aquisição de três ou quatro bilhetes ao mesmo tempo.

Para ésses, que são a maioria, e geralmente os que mais necessitam de se cultivar através do cinema, os que mais exigências espirituais possuem, esta época de réprises torna-se excelente, porque lhes permite apreciar as obras que não puderam ser vistas na estreia e agora podem ser admiradas por preços mais acessíveis.

É tudo isto constitui propaganda da arte.

O leitor deverá ter reparado, se os seus olhos costumam poisar neste cantinho em que lhe procuro transmitir o ambiente enfiado do Norte, que insistimos, talvez denotadamente, na necessidade de se fazer muita propaganda, sempre propaganda.

É que com a chegada dos primeiros cabelos brancos, começamos a ver o mundo cinematográfico através do prisma mais prático, e extinto, há muitos anos, os impulsos duma mocidade impetuosa, temos o dever de apontar os factos como éles são.

Exaltando, pois, a temporada de réprises que agora se inicia nesta cidade, principiando hoje nos cinemas Águia de Ouro e Olímpia, fazemo-lo por nela vermos, pela colecção dos filmes que vai ser feita e pela modicidade de preços porque vão ser apresentados, mais um atractivo para os profanos, mais uma facilidade para os indiferentes, e tudo isso são meios de propaganda, dessa propaganda tão ingentemente necessária, dessa propaganda que é preciso intensificar-se através de todos os meios possíveis ou menos eficazes.

Por isso auguramos o maior êxito a essas réprises que, estamos certos, mu-

ta gente vai aproveitar pelas inúmeras vantagens que oferecem, quer sob o ponto de vista utilitário, quer espiritual.

Os cinemas das bairros

Entramos numa fase de grande intensidade os cinemas dos bairros que, nesta cidade, são na sua maioria, ao ar livre. Da utilidade destas explorações dissemos já em tempo oportuno. Eles são como que o complemento preciso da propaganda originária nas réprises de que fazamos acima.

Para se verificar a intensidade da sua propaganda, como excelente elemento divulgador do cinema, basta dizer-se que, geralmente, as entradas para essas sessões, quasi sempre constituídas por dois filmes, além dos compromissos, não custam mais de um escudo.

Ora nesta época de crise, dar-se ao povo dos bairros operários bons e regulares filmes, por tão exigua quantia, forçosamente que, além de se contribuir, com um bom elemento, para a cultura dessas massas populares, implicitamente, se lhes desperta e desenvolve o gosto pela arte.

A maior parte desses cinemas são organizados nos campos de foot-ball, nesta época despovoados. Nas bancadas cobertas o público assiste comodamente a esses espectáculos ao abrigo da neblina ou saboreando a frescura das noites agradáveis.

É vulgaríssimo apresentar-se, nesses cinemas, verdadeiras super-produções, algumas maravilhas da sétima arte, pelo que não podemos, sequer, atribuir a essas organizações, o desenvolvimento do mau gosto do público, como se dava há anos nos cinemas populares que apenas exibiam horríveis produções de aventuras, sem nenhuma característica educativa ou cultural.

Têm, pois, os cinemas dos bairros uma alta finalidade a cumprir. Ela torna-se tanto mais simpática quando, como demonstramos, têm o seu campo de acção precisamente nos meios em que se torna de maior utilidade.

O cinema e o rádio

Alguns postos emissores do Porto costumam incluir nos seus programas uma crónica cinematográfica, em que se fazem críticas e comentários, e se apresentam curiosidades do grande mundo do cinema.

A grande expansão do cinema, andando de braço dado com a do rádio, tinha, naturalmente, de lhe merecer toda a atenção e carinho.

Há mesmo uma reciprocidade de propaganda que não podia passar despercebida aos organizadores dos programas das emissoras que aproveitam, inteligentemente, o interesse do grande público pelo cinema, para lhe dar uns noltos, por vezes curiosas, da vida da sétima arte.

Vai má a época para a manutenção dessas secções, mas, estamos certos de que mal se inaugure a próxima temporada os emissores continuarão e, possivelmente, aumentarão as suas notas cinematográficas, não só no desejo de corresponder às preferências dos auditores, mas, ainda pelo sem número de elementos e curiosidades que o cinema lhes oferece para tornar mais variadas e agradáveis as suas audições.

Louvamos o facto e esperamos ver aumentadas, dentro do possível as comunicações rádio-cinematográficas, sem dúvida as que estão mais harmonicamente dentro do espirito da hora que passa.

Um filme que se devia ter feito

Realizou-se na noite de São João, nesta cidade, uma parada de ranchos típicos a maioria dos quais traduzia fielmente as mais curiosas características das freguesias deste burgo.

Nun dia lindo de sol ésses ranchos atravessaram a cidade em bizarra parada e no Palácio de Cristal apresentaram-se em concurso.

Pelo valor de cada um, pela caprichosa apresentação da indumentária, pelas canções que reflectiam a alma peregrina do povo, pela movimentação dessas uassas, bem merecia essa parada ter sido registada num filme.

Os nossos operadores de panorâmicas e actualidades, não souberam arquivar nas tiras de celulóide, num cosmorama enfeitador de excessiva beleza, as danças e cantares desses grupos tão ricos de cor, plenos de exuberante alegria, que eram os pedaços de sentimento que formam o diamantino coração deste povo trabalhador.

Que rico filme se fazia com a graça esultante das lindas raparigas dos ranchos, vestidas segundo as características predominantes de cada freguesia, com a «culture» dos rapazes que cantam, trabalhando e riem, sofrendo, com essas canções, ora tristes e melancólicas como um poema de amor, ora gritantes e frescas, como uma gargalhada cristalina. Que lindo filme se fazia...

O público, os espectadores dos cinemas de todo o país, já não tolera os estafadíssimos documentários nacionais, não só pela insuficiência técnica, mas, sobretudo, pela repetição continua, sistemática, dos assuntos.

As razões, já expostas nestas columnas, vivem num permanente círculo vicioso.

Mas, na escolha dos motivos reside a primeira qualidade do operador desses documentários.

E nenhum d'êles soube ver, nenhum d'êles soube compreender que, sem aumento da habitual despesa, podiam filmar os três ranchos que se apresentaram nessa linda jornada, em petueta silenciosa ou sonora, dando-nos não só um documentário que, sem artifícios técnicos, interessava sobrenatureira ao público desta cidade, como ao de todo o país que, decerto, apreciaria o esforço da gente humilde das nossas freguesias que soube realçar a beleza dos seus dolores íntimos, através do seu poder criador, nimbado por uma auréola de pura fantasia.

Que excelente documentário podia ser filmado com a modicidade vitoriosa dos ranchos, com a polifonia vibrante dos seus trajes, com as suas danças tão portuguesas, com as suas canções tão sentidas, formando-se um álbum, pleno de sincera vibração e que em todas as suas páginas teria o ex-libris do trabalho. Que lindo filme se fazia!

CARLOS MOREIRA

O que ha no vosso Horoscopo

Deixai-me vo-lo dizer Gratuitamente

Não desejaria saber, sem que mada lhe custe, o que indicam as estrelas relativamente ao seu futuro; em que será feliz; em que terá bons êxitos; o que lhe trará a prosperidade; o que se refere aos seus negócios; a casamento; a amigos; a inimigos; a viagens; a doenças; a períodos de sorte e de azar; a educação; a evitar; a oportunidades a aproveitar; a novas empresas e a muitas outras coisas de inscervível interesse para si? eis aqui uma ocasião para obter uma leitura Astral da sua vida. ABSOLUTAMENTE GRATUITA.



Professor ROXROY O eminente Astrólogo

GRATUITAMENTE

A vossa leitura astral que não constitue mais do que duas páginas na dactilographada ser-vos-á enviada imediatamente, pelo grande Astrólogo, as predições do seu futuro, a prosperidade, o que se refere aos seus negócios, a casamento, a amigos; a inimigos; a viagens; a doenças; a períodos de sorte e de azar; a educação; a evitar; a oportunidades a aproveitar; a novas empresas e a muitas outras coisas de inscervível interesse para si? eis aqui uma ocasião para obter uma leitura Astral da sua vida. ABSOLUTAMENTE GRATUITA.

Basta que escreva o seu nome e direcção completa e legível, dando ao mesmo tempo a sua data de nascimento e dizendo se é Sr. ou Sra. (casado ou solteiro). Não precisa mandar dinheiro, mas se quiser pode incluir 250 para cobrir as despesas de porte e de expediente. Não guarde para amanhã. Escreva já. Endereço: ROXROY STUDIOS, Dept. 6630 B, Emmus-terland 32, A Haya, Holanda. Só para a Holanda. Esc. 1976.

Nota. O Prof. Roxroy é lido em grande estimo pelos seus numerosos clientes. Ele é o mais antigo e conhecido de todos os Astrólogos do continente, pois há mais de 20 anos que vive e trabalha no mesmo lugar. A confiança que se lhe pode dispensar é garantida pelo simples facto de todos os trabalhos, pelos quais é conhecido de todos os trabalhadores, serem feitos sob o cuidado de satisfação completa ou reembolso do dinheiro pago.



N'CANPOS

Uma epiderme de tonalidades ou de cor naturalmente iodada dá ao rosto uma beleza que o morena natural, muitos vezes não consegue. Há peles, porém, que acusam estragos pela exposição ao sol. Assim a ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA, lançou um produto cujo agrado e aceitação têm sido patentes e que, dando à pele a cor bronzeada, exacto e natural, tal como os raios solares, a preserva simultaneamente do sol. O duplo valor d'êste produto é aumentado pela circunstância de não ser oleoso e permitir a «maquillage» habitual. BRONZISOL não deixará desvanecer-se da epiderme, essa linda cor dourada e quente que a verão e a praia emprestam a cada rosto.

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA

Avenida da Liberdade, 35 — LISBOA

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

FRANCHOT TONE

(Conclusão da pag. 7)

irmão ajudava o pai nos seus afazeres, Franchot conseguia entrar numa companhia teatral que, durante o verão, organizara uma «tourné» a Buffalo. Uma noite o galã da companhia adoeceu e Franchot foi substituí-lo. O ensaiador e os principais artistas temendo um fracasso tentaram opôr-se à vontade de Franchot. Por fim, e por absoluta necessidade, deixaram-no ir para a cena. O público gostou e aplaudiu-o com calor. Os colegas, bons colegas, afiaram-se aos espectadores. Foi uma noite de ovação. Franchot sentiu nascer-lhe uma nova alma. Cria forças e entusiasmo. Os seus pais enviam-lhe parabéns. Convenem-se da inclinação de Tone para o palco.

Franchot procura subir na arte que escolhe. Trabalha afinadamente. Estuda. Cheio de esperança resolve procurar colocação em Nova York, a capital com que ele tantas vezes sonhara.

Começam as desilusões. Até ali tudo lhe parecia belo. Os dias negros aparecem agora. Procura, sem descansar, um lugar no teatro. Além de pretender uma colocação, só lhe servia um lugar de destaque. Depois de muitas canseiras consegue uma carta de apresentação para Greenwich, director do «New Playwrights Theatre». É bem recebido. Greenwich, é amável, atencioso, e mostra vontade de o ajudar. Está preparando a reposição de *The Bell* e não se importa de confiar a Franchot um papel de importância, se ele lhe agrada durante os ensaios.

Depois de três dias de trabalho, Greenwich informa o jovem artista, delicadamente, de que não lhe é possível confiar o personagem principal, mas que não se importa de lhe distribuir um papel secundário.

Franchot ferido no seu amor próprio regeita a proposta.

No fim de algum tempo, resolve pôr de parte o orgulho e procurar, outra vez, Greenwich. Este recebe-o sorridente. Foi o principio duma longa e brilhante associação com a «Sociedade dos Novos Autores Dramáticos».

The Bell — a peça de estreia de Franchot — conserva-se no cartaz seis meses. Seguem-se-lhe depois *The International*, *The Centuries*, etc., onde o nôvel actor tem pequenos papéis. Como a sorte lhe começou sorrindo, foi até Broadway. Fêz sucesso. Trabalhou em todo o género de produções dramáticas, fazendo boas peças e peças medíocres. Teve ocasião de contracenar com a grande artista americana Katherine Cornell — a actriz que nunca gostou do cinema. Em seguida fez *The Age of Innocence*, um ano em cena — *Cross Roads*, *Pagan Lady*, ao lado de Lenore Ulric — peça donde extrairam um filme com Evelyn Brent, etc., etc.

Pouco a pouco foi subindo na carreira que escolheira. consegue um contrato para o filme *Success Story*, da Metro Goldwyn Mayer. Teve com «partenaires» Jean Harlow. De filme em filme, che teve ocasião de trabalhar com Joan Crawford em *A vida e o dia de hoje*, no papel dum taciturno oficial de marinha inglesa.

Depois, vimo-lo em «*The Stranger's*», «*Returns*», «*Blond Bombshell*», «*O Turbilhão da Dança*», e recentemente em: «*O Mundo em Marcha*», «*Os Três Lançeiros de Bengala*» (Lanceiros da Índia), etc. Vamos vê-lo para o ano, na sua criação máxima em *Revolta a bordo*, ao lado de Laughton e Gable.

A pesar de hoje, Franchot Tone ser um dos mais conhecidos artistas de Hollywood, ainda conserva saudades dos seus êxitos de Broadway.

SANTOS MENDES

Uma Pele Nova, Branca e Aveludada



Em Três Dias

Os Poros Dilatados e os Pontos Negros Desaparecidos para Sempre!

Os desagradáveis pontos negros, as borbulhas, o acné, as grosseiras escuras da pele e as cores amarelas e castanhas provêm dos poros dilatados, poros que se enchem de impurezas gordurosas que as abluções não podem tirar. Todo o poro dilatado é devido à irritação dos poros da pele.

O Creme Tokalon cor branca (não gorduroso) penetra nos poros instantaneamente, acalma a irritação das glândulas da pele, dissolve e arrasta as impurezas profundas dos poros, bem como os pontos negros, fecha os poros dilatados até ao seu volume normal, embranquece e amacia uma pele escura e seca. Graças à sua acção iónica, adstringente e nutritiva, a epiderme mais seca fica tonificada e refrescada. O efeito oleoso e o luzidio do nariz são também completamente suprimidos.

O Creme Tokalon, cor branca (não

gorduroso) contém agora uma maravilhosa cera nova, macia e nivea, extraída das flores, combinada com o creme fresco e o azeite predigeridos. Dá, em 3 dias, à pele, uma nova beleza indescriível, branca, aveludada e tal que não poderá obter-se de qualquer outra maneira. Deveria ser empregado todas as manhãs.

À venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

NOTA: — Se tem rugas, se os músculos da sua face estão enfraquecidos, deverá também empregar o Creme Tokalon, alimento para a pele (cor de rosa), à noite, antes do deitar — alimenta e rejuvenesce a sua pele durante o sono.

As mais recentes revelações da Cinelândia

NOVAS estrélas apareceram no horizonte de Hollywood — novas caras, novas personalidades — novas vedetas, no fulgor!

Um dos mais em evidência é Robert Taylor. Foi descoberto por um «explorador de talentos» numa recita de estudantes da Universidade de Pomona, na Califórnia.

Tomou parte em *Médicos de Hoje*, *Sombra da Dívida* e depois em *Parada Maravilhosa de 1936*, filmes estes que o popularizaram e lhe grangeram múltiplos admiradores. *Small Town Girl* onde aparece, ao lado de Janet Gaynor, *Gorgeous Hussy*, com Joan Crawford, dar-lhe-ão a celebridade.

Taylor é acima de tudo um galã romântico. alto, amorenado, com uma gravidade que dá profundidade a suas caracterizações. Interpreta papéis de herói e vilão, com a mesma facilidade, e tem o condão de agradar às mais exigentes plateias. A pesar de tudo, é duma modestia encantadora e duma sinceridade que cativa todos os que têm a felicidade de conhecê-lo pessoalmente.

Allan Jones, outro actor de grande futuro, começou a ganhar a vida dum modo interessante. Trabalhou em turnos duplos, numa mina de carvão, na Pennsylvania para ganhar o suficiente para sua educação-musical. Por meio de um esforço sobrehumano, conseguiu economizar o suficiente para continuar os seus estudos, no curso de música da Universidade de Syracuse, onde ganhou um prémio, que lhe deu direito a cursar uma das melhores universidades de Nova York. A certa altura, Allan foi para a Europa, onde voltou para tomar parte em concertos e, mais tarde, em pequenas peças musicais. Quando actuava, em Broadway, numa comédia musical, foi convidado para se submeter a uma prova cinematográfica nos estúdios da Metro, onde ficou sob contrato. A pesar-de ter tido um pequeno papel em *Tentação Loira*, a sua primeira oportunidade apareceu em *A Night at the Opera*, com os irmãos Marx. Devido ao seu ótimo trabalho nessa produção, foi escolhido para o papel principal na opereta «*Show Boats*».

Jones é de estatura regular, tem ca-

belo castanho claro. olhos «cor de avelã» e um sorriso simpático, como complemento da sua voz de ouro.

Depois de estar menos de seis meses em Hollywood, James Stewart tem a invejável distinção de ser um dos galãs mais em voga.

Nasceu em Pennsylvania e educou-se na Universidade de Princeton. «Jimmy», como lhe chamam os seus amigos, principiou a sua carreira aparecendo nas revistas de Princeton Triangle, e finalmente foi para a Broadway. Não levou muito tempo para os «exploradores de talento» descobrirem que estava ali um excelente actor. Pouco tempo depois, estava a caminho dos estúdios...

Alto, esbello. «Jimmy» não é o tipo do rapaz que se toma por herói cinematográfico, à primeira vista. Por um lado, tem sempre o cabelo em desalinho, por outro, é muito acanhado...

Um dia, depois de se apagar do combóio que o trouxe de Nova York, foi escolhido para um pequeno papel em *The Murder Man*. Deste passou para *Roes Martle, Wife Vs. Secretary*, *Small Town Girl* e *Next Time we Love* em rápida sucessão. O seu «is» é um subtil encanto, que atrai irremediavelmente.

Eric Linden, que é o tipo do rapaz sonhador, está também no galariim. Depois de alcançar o seu primeiro êxito na tela, há muitos anos, Linden retirou-se dos filmes e foi para a Europa, de onde regressou há pouco tempo. *Ah Wilderness*, foi a sua grande oportunidade. *The Robin Hood of el Dorado*, *The Voice of Buyle Ann*, foram os seus mais recentes êxitos.

É um rapaz muito sossegado e melancólico. Linden passa a maior parte do seu tempo ao ar livre.

Mandou construir um «chalet» nas margens do Lago Arrowhead a fim de passar ali a maior parte do tempo disponível.

Edward Norris é mais o tipo materialista. Principiou no cinema por interpretar papéis de vilão, num filme curto intitulado *Crime Does Not Pay*. Mais tarde, apareceu num papel simpático em *Show Them no Mercy* e *Small Town Girl*. Tem 1^m,83 de altura, cabelos castanhos e olhos cor de azevilhe. O seu pasatempo favorito é aviação.

Harry Stockwell, o elegante tenor alorado que apareceu em *Broadway Melody of 1936*, canta desde que completou os seis anos. Nasceu em Kansas City, Missouri, onde demonstrou seus talentos vocais de tal forma que, mais tarde foi contratado para Broadway. Apareceu em inúmeras revistas de Shubert e nas peças musicais de Earl Carroll, *Vanities* e *As Thousand Cheer*; fez uma «tourné» com a célebre cantora Mme. Schumann-Heink. A pesar-de ter sido bem recebido na tela, Stockwell não limita o seu campo de acção aos estúdios. Também canta frequentemente nas estações de rádio. O seu futuro, contudo, está nos filmes, nos quais parece estar destinado a brilhar no firmamento cinematográfico.

CINE-JORNAL
GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, L.da
Redacção e Administração: T. da Condesa do Rio, 27.
Telefone 2 1365 e 2 1227

Comp., impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), L.da
Trav. da Condesa do Rio 27 — Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano	48500
25 " 6 meses	24800
12 " 3 meses	12800
Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano	65500

Visado pela Censura

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 40 — 20 DE JULHO DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



*William Powell
no
"Grande
Liegefeld"*

"CINE-JORNAL" É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA